

A Política de Extensão Universitária na Universidade de São Paulo no Campus da Zona Leste

Sonia Maria Vanzella Castellar¹

Resumo

O presente artigo analisa os desafios enfrentados pela Universidade de São Paulo (USP) na implantação do Campus Zona Leste a partir da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), criada como resultado de ampla mobilização da comunidade local reivindicando mais vagas nas Universidades Públicas. Os desafios enfrentados pela USP na implantação do Campus Zona Leste, poderão servir de referência a outras universidades instigando-as a observar atentamente o seu entorno, para que não fiquem alheias às contradições da sociedade no resgate de sua função social no momento em que se discute a reforma universitária. As desigualdades sociais, o aumento populacional das periferias de grandes cidades e as mudanças econômicas, impõem às Universidades que repensem o papel da extensão universitária, bem como sua articulação com a pesquisa e o ensino em propostas de gestão inclusivas do ponto de vista da concepção e das ações, incorporando em seus projetos novos atores sociais

Palavras-chave: Universidade. Inclusão. Pesquisa. Ensino.

¹ Doutora em Geografia; professora da Universidade de São Paulo (USP) – Departamento de Metodologia do Ensino e Educação. smv@usp.br

THE ACADEMICAL EXTENSION POLITICS IN THE SÃO PAULO UNIVERSITY (USP) ZONE EAST CAMPUS

Abstract

This present article analyses the challenges faced up for the São Paulo University (USP) in the East Zone Campus implantation, this Campus resulted of the Arts, Science and Humanities School (EACH), criated by a great mobilization of the local community asks more vacancys in the Public Universities. The challenges faced up to the USP in the East Zone Campus implantation will can to serve like a reference to anothers Universities, make them to observate around theirselves attentively, with this, they don't stay out of the social contradictions in the ransom of the social function in the moment of the University Reform discussion. The social inequalities, the population increase in the peripheries of the big cities and the economical changes make a reflexion in the task of the University extention, and his articulation with the research and the teaching, in inclusives manegemants proposes, in the point of view of the conception and the actions, to the incorporation in his projects of new social actors.

Keywords: University. Inclusion. Research. Teaching.

O Contexto

A zona Leste do município de São Paulo sempre foi um local de muitas lutas e reivindicações por melhores condições de vida. Na década de 80, se caracterizou por ser uma região cujos movimentos sociais tinham no seu interior preocupações em diminuir as desigualdades sociais e a consciência que seria na luta suas conquistas por moradia e por equipamentos de saúde e escolares. As conquistas desses movimentos foram muitas, mas nem por isso a população local se acomodou; ao contrário, continuaram lutando para ampliar as vagas nas escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio, nas creches e nas escolas voltadas para a educação de jovens e adultos e nas escolas técnicas e universidades públicas.

O movimento por mais vagas nas Universidades públicas não parou, e em 2001 teve início a mobilização para construir um campus novo da Universidade de São Paulo na Zona Leste, que viria a ser a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Para dar força a essa luta, em 2002 o Fórum de Educação da Zona Leste divulga um manifesto sobre a importância da Universidade de São Paulo (USP) naquela região.

Foi nesse contexto, aqui resumido, que uma comissão de docentes da USP iniciou um estudo para a implantação de um novo campus da universidade, a pedido do reitor Adolpho José Melfi (2001-2005), numa região onde a carência educacional, cultural e econômica é muito grande. Mais do que isso, uma região que, por suas características socioeconômicas, desafia a Universidade de São Paulo a observar atentamente o seu entorno, para que não fique alheia às contradições da sociedade e que repense o papel da extensão universitária, promovendo de fato uma articulação entre ensino e pesquisa.

Esses desafios expostos para a USP requerem propostas de gestão inclusivas do ponto de vista da concepção e das ações, portanto um passo importante para o avanço dessa política é a incorporação de novos atores sociais nesse novo projeto. Para compreender com mais profundidade o cenário que estamos analisando, é importante destacar que vivem nesta região do município de São Paulo, cerca de 4 milhões de pessoas, portanto não se pode menos-

prezar as realidades das várias comunidades locais. Observando o mapa a seguir pode-se perceber que na Zona Leste as taxas de crescimento populacional possuem uma grande variação, mas será nos bairros mais distantes, e que fazem limites com outros que compõem a Região Metropolitana de São Paulo, que encontraremos taxas entre 2,5 e 13,4%.

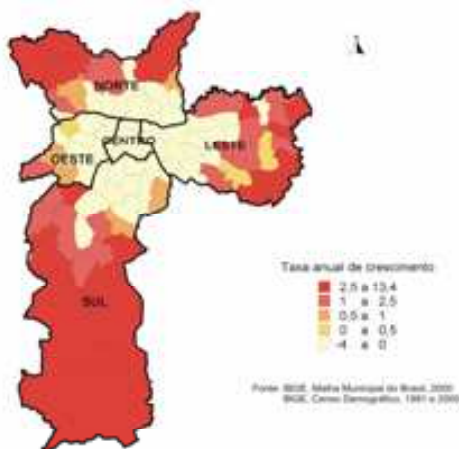


Figura 1: Município de São Paulo – crescimento populacional

Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo.

A implantação do campus Zona Leste significava uma ação complexa, na medida em que as contradições e as desigualdades sociais caracterizam a região como sendo a que possui várias barreiras socioeconômicas e culturais que dificultam o acesso das populações carentes e periféricas ao mercado de trabalho, aos equipamentos culturais e educacionais.

Esse é um cenário válido para muitos lugares do Brasil e do município de São Paulo, mas a nossa escala geográfica de análise, nesse momento, será local. Em todo caso, porém, já ressaltamos que são muitos os lugares que estão inseridos nos desafios gerados pela desigualdade das classes sociais, pelas mudanças na economia, pelo inchaço brutal das periferias das grandes cidades e na falta de investimento na educação básica e na saúde.

A Universidade de São Paulo na Zona Leste contribuirá para os possíveis impactos na infraestrutura e serviços e, também, para que os jovens dessa região ampliem suas expectativas em relação ao ingresso na Universidade. A presença da Universidade na Zona Leste trouxe, ainda, significativo aumento das expectativas da comunidade em relação à melhoria da qualidade dos bairros, principalmente no que se refere à articulação entre a comunidade acadêmica e a local, por exemplo o acesso às discussões e debates sobre os problemas ambientais. Isso ocorre porque a Zona Leste de São Paulo é a região com o menor grau de urbanização e maiores taxas de população, pobreza e violência; possui uma elevada demanda social e, ao mesmo tempo, é a uma das mais carentes econômica e culturalmente – os indicadores mostram que a média de anos de estudo no local é de 6,84, atingindo, em alguns lugares, o índice de 4,82, enquanto no município é de 7,67 anos –; se tomarmos como referência o índice de evasão escolar teremos uma taxa três vezes maior que a de outras regiões da cidade. Os índices mais baixos são encontrados nos extremos da periferia da cidade, o que implica exclusão da população dos centros culturais e de maior acesso às escolas.

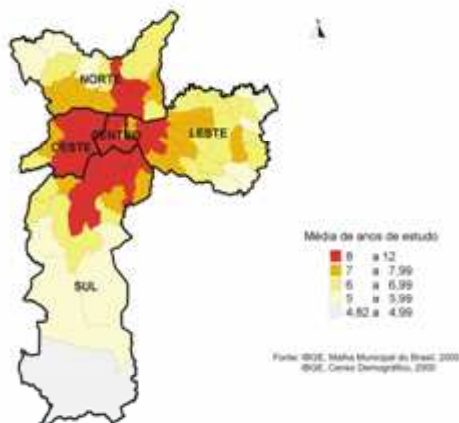


Figura 2: Município de São Paulo – médias de anos de estudos da população de 8 anos ou mais

Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo.

Nesse contexto, mais uma vez a população é vitoriosa por conquistar mais uma reivindicação no campo da educação. A universidade, mesmo assumindo a sua responsabilidade com a sociedade, não resolverá os problemas socioeconômicos demandados por situações que estão relacionadas à falta de políticas públicas, mas, sem dúvida, ao realizar estudos, investigações e participar de atividades junto a comunidade, contribuirá para melhorar as condições de vida da população.

Assim, a USP resgata sua função social num momento especial para a sociedade brasileira, quando se discute reforma universitária e política de ampliação de vagas nas universidades públicas. Com um projeto acadêmico desafiador, investe em cursos de Graduação e se torna a universidade no Brasil que apresenta novas carreiras, com base em um projeto político-pedagógico que articula ensino, pesquisa e extensão universitária.

Nasceu um novo campus que, sem repetir modelos, concebe outro padrão de projeto acadêmico e de cultura e extensão universitária, articulando, desde o início da Graduação, ações que envolvem a pesquisa e a extensão universitária com a participação dos alunos de Graduação, Pós-Graduação e docentes de vários cursos e unidades.

Trata-se, portanto, de um projeto acadêmico que investe na formação cidadã de seus alunos, na medida em que os envolve com a comunidade local, composta majoritariamente por jovens e crianças, que, desde cedo, já possuem marcas de sofrimento, como a fome, o desemprego, o analfabetismo e os diferentes tipos de violência urbana.

Nesse sentido, as atividades de extensão universitária buscam um processo coletivo de reflexão e aprendizagem em torno das ações desenvolvidas de forma democrática entre professores, alunos e comunidade.

A Universidade de São Paulo conta ainda com outros desafios, que podem ser resumidos na questão formulada por Jean-Jacques Rousseau: *Contribuirá a ciência para diminuir a dualidade entre o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática?* O questionamento de Rousseau é aparente-

mente simples, mas as respostas são mais complexas, colocando-nos frente a frente aos desafios contemporâneos da Universidade. Como podemos diminuir a dualidade entre o dizer e o fazer ou entre a teoria e a prática? Como podemos contribuir para que haja uma diminuição na distância entre a tecnologia e uma sociedade melhor? Uma pista para sua solução reside em proporcionar uma educação superior de qualidade.

Em primeiro lugar podemos afirmar que, ao aproximarmos a comunidade local da comunidade acadêmica – a universidade – existe a possibilidade de a população apropriar um conhecimento científico de qualidade, que permita uma inclusão social, pois se trata de conhecimento que será aplicado na prática. Isso corrobora o papel da universidade no desenvolvimento da pesquisa de qualidade e ensino de excelência.

Quando a universidade atua nessa direção, a população local tem mais acesso, por exemplo, aos hospitais universitários, aos centros de formação de professores, às atividades culturais e, principalmente, ao trabalho realizado pelos alunos e docentes junto a comunidade, que ajudará a diminuir a distância entre o saber dizer e o fazer, ou entre a teoria e a prática, não numa perspectiva assistencialista, mas articulando a diversidade de interesses pessoais e acadêmicos dos alunos e docentes, e da própria comunidade.

Desta forma, a USP responderá uma outra questão rousseauiana, isto é, se a ciência estará próxima da sociedade local. Para respondê-la, nos remetemos às ações da extensão universitária, que incluirá, entre seus objetivos, estabelecer diálogos mais eficazes com a população local, principalmente no que se refere às atividades educacionais e culturais que envolvem os jovens. A proposta é de se aproximar da comunidade atuando em hospitais, postos de saúde, creches, centros esportivos existentes nos bairros próximos ao campus da Universidade, e não criar equipamentos no interior de seu campus e ficar intramuros.

A importância social da USP na Zona Leste está na articulação da teoria com a prática, pois põe todos os atores da universidade como protagonistas de um projeto que conduz a uma luta apaixonada contra as formas de

dogmatismo e, ao mesmo tempo, fortalece a ciência e a cultura. Gerar estudos científicos, com métodos e teorias para se reverter em ações que beneficiem a comunidade, como análise em áreas de risco, desenvolvimento de tecnologia de ponta, democratização dos sistemas de informações e disponibilização do uso de energias alternativas, sem dúvida contribui não só para o âmbito local, mas para o Brasil, reforçando o tripé: ensino, pesquisa e extensão. Em suma, é preciso uma educação superior de qualidade e comprometida com a formação cidadã dos nossos alunos, que compreenda e respeite as diversas culturas existentes nos espaços de vivência.

A relação dessas questões com a USP na Zona Leste é direta. Associadas aos projetos acadêmicos e de extensão universitária, fortalecem o ensino de graduação, tornando nossos alunos competentes do ponto de vista profissional, sem perderem a dimensão do social, da ética e da convivência coletiva. Devemos atentar, no entanto, para não identificarmos o senso comum com a ciência. Quando propomos conhecer uma comunidade, estudar o local e as relações sociais e produtivas, desenvolvendo atividades de extensão, é para dar sentido às nossas falas, que não podem ser apenas recheadas de intenções ou curiosidade infantil, mas devem conter princípios epistemológicos que tenham como pressuposto uma vinculação entre relações sociais e fatos sociais. Intervir na comunidade, tendo como referencial não o indivíduo, mas o coletivo, a sociedade e o processo histórico, obriga-nos a traçar um plano metodológico com bases teóricas sólidas, considerando as demandas da população para agirmos em conjunto.

Para esse tipo de projeto de extensão universitária não há uma fórmula pronta, única; há muitas formas, pois cada local tem sua singularidade que não comporta generalizações. Há vários tipos de conhecimento formal e não formal que levam em conta a cultura da comunidade. Quando intervimos e levamos em conta essas questões, compreendemos que todo o processo de construção do conhecimento não deixa de ser uma prática social.

O Núcleo de Apoio Social, Cultural e de Extensão Universitária Materializa a USP na Zona Leste

Uma das grandes novidades da unidade da USP – a Escola de Arte, Ciências e Humanidade (EACH) – é o fato de promover uma articulação entre ensino, extensão universitária e pesquisa, uma experiência que nos apresenta um desafio diário na medida em que envolve nossos alunos nos projetos de intervenção junto a comunidade, a partir de disciplinas curriculares que estruturam o Ciclo Básico dos cursos propostos, como Estudos Diversificados e Resolução de Problemas.

Para concretizar os projetos e apoiar o desenvolvimento econômico e social local, a USP criou o Núcleo de Apoio Social, Cultural, Educativo e de Extensão Universitária (o NASCE – USP) na Zona Leste, que tem como objetivo desenvolver atividades de cultura e extensão universitária com a comunidade. Vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, o NASCE estrutura o Observatório Social para dar início as suas atividades em abril de 2004, com a população local e com os professores da rede pública de ensino, antes mesmo de o *campus* ficar pronto.

O Observatório Social funciona como um polo aglutinador de projetos, eventos culturais, de extensão e pesquisas voltadas para elaborar propostas para a comunidade da região leste do município de São Paulo. Numa perspectiva interdisciplinar, as atividades de extensão auxiliam, muitas vezes, as disciplinas do ciclo básico, principalmente com *Resoluções de Problemas e Estudos Diversificados*, que são os pontos de partida para compartilharmos o conhecimento científico e o tecnológico, dentro e fora da universidade.

Além de ser um Núcleo que agregará várias atividades de extensão e também de serviços, irá atuar junto a comunidade, inclusive a 3ª Idade, com o objetivo de gerar cursos que envolvam os idosos de diferentes maneiras, em aulas de informática, alfabetização, atividades físicas, jardinagens, etc. Com essa proposta, os alunos atuarão para melhorar a autoestima dos idosos e, a partir das discussões e reflexões sobre suas ações, podem sentir-se estimulados a elaborar projetos de iniciação científica e trabalhos finais das disciplinas do Ciclo Básico.

O apoio às investigações dos alunos será mediado pelo Observatório Social da Zona Leste, reforçando a sua missão de organizar um banco de dados sobre as características socioeconômicas, culturais e ambientais, ampliando as informações necessárias para as análises que gerarão conhecimento sobre a sociedade e ações de extensão universitária mais consistentes. Um aspecto importante do Observatório é funcionar como um fórum de interlocução entre universidade, sociedade e instituições públicas e privadas. Nessa perspectiva, poderá empregar o conhecimento gerado como base para a formulação de políticas públicas. As atividades do Observatório, portanto, contribuirão para resgatar e documentar as diversas temáticas de investigação, como, por exemplo, nas questões ambientais, socioeconômicas, culturais e educacionais, permitindo, também, o acesso às informações atualizadas sobre a região leste do Município de São Paulo.

Os estudos sobre as características emergentes do trabalho e cultura urbana na Zona Leste, promoverão a cooperação técnica entre a academia, a comunidade e as instituições regionais interessadas em atuar em projetos de ações para a política local, que auxiliem na formulação e na implementação de projetos e programas de desenvolvimento humano em âmbito local. Nesse sentido, as temáticas de pesquisas podem voltar-se para estudos sobre as novas características do trabalho urbano, planejamento e desenvolvimento urbano e ambiental, desigualdades e dinâmicas sociais e violência urbana, cultura e identidade e serviços públicos e demandas sociais.

É importante ressaltar o rigor científico presente nos estudos que se iniciam, porque, se não queremos que a distância entre comunidade científica e comunidade impeça a compreensão de uma realidade tão complexa como a da Zona Leste, também não pretendemos que haja uma avaliação superficial da situação econômica, cultural ou do lazer. Nesses estudos, é necessário que os instrumentos de pesquisa forneçam dados que gerem ações mais condizentes com as características dos bairros.

Para elaborarmos uma pesquisa qualitativa, envolvendo trabalho de campo, entrevistas e levantamentos de dados já existentes, temos de criar condições concretas para realizá-la. Isso significa estabelecer convênios e

parcerias com instituições públicas e entidades dos movimentos sociais, para que as informações sejam corretas. Conhecer o índice de desemprego, o lazer dos jovens da Zona Leste, por exemplo em Ermelino Matarazzo, Itaim Paulista ou mesmo em Itaquera, nos permite um maior aprofundamento nas dinâmicas sociais e nas cadeias produtivas dos bairros. A nossa atuação junto a comunidade nos possibilitará conhecer os referenciais culturais e a origem da população, para não destacarmos apenas as generalizações de senso comum sobre ela, mas a partir de informações reais poderemos ajudar a população local com ações mais significativas e condizentes com a realidade.

O objetivo deste texto é subsidiar uma análise que considere os princípios epistemológicos e metodológicos e contribua para ampliar o conhecimento dos bairros da região leste, fornecendo subsídios para entendermos a dimensão da pluralidade da cidade de São Paulo. Entre alguns aspectos importantes dos estudos do Observatório Social, destaca-se o de compreender os elementos da cultura urbana e, por conseguinte, gerar possíveis propostas que contribuam para melhorar os processos didáticos que ocorrem no espaço da universidade e em outros lugares. Nossa meta é entender a cidade enquanto produção social e histórica, considerando o papel dos movimentos sociais urbanos visando a retirar das classes dominantes o uso exclusivo do espaço urbano. A cidade é aqui considerada como um espaço que apresenta uma relação contraditória entre capital e cidade e, capital e espaço urbano, que se materializa nas práticas sociais.

Com essa concepção de extensão universitária podemos desenvolver estudos para avaliar o impacto do Plano Diretor da Zona Leste e analisar os diversos aspectos pertinentes à questão urbana. Ao entendermos a contradição entre capital e cidade, passamos a olhar o efeito da expansão industrial e comercial sobre a oferta de moradias na região. É possível ainda refletir sobre o impacto do *campus* da USP na Zona Leste, entendendo de que maneira a USP contribuiu ou não para melhorar a qualidade de vida dos moradores da região.

Apesar de a cidade ser a expressão de um modo de vida e, portanto, também de um modo de produção, orientado pela racionalidade do capital, nela também despontam irracionalidades que se contrapõem à racionalidade técnica do capital e da política global. Trata-se, sobretudo, de formas de racionalidades produzidas e mantidas pelos que estão excluídos socialmente.

Essas formas de racionalidade resultam do movimento contraditório da vida social na esfera do cotidiano, com muita intensidade nos lugares da cidade. Nesse sentido, a cidade pode ser entendida pela dinâmica do território construído e pelas diferentes territorialidades definidas de modo mais ou menos flexível no jogo político da vida cotidiana, individual e coletiva.

A compreensão da cidade e do espaço urbano permite a construção de um eixo temático de análise: cidade e cultura. Nessa perspectiva, torna-se relevante compreender a cidade como um lugar que abriga, produz e reproduz culturas, como modo de vida materializado cotidianamente. Embora essa cultura global, padronizada, esteja presente nas diferentes cidades, não se pode afirmar que tal homogeneização seja a única expressão. As expressões locais e regionais manifestam-se como resultados da tensão entre o global e o local, configurando diferentes culturas. A análise da esfera cultural permite a compreensão do fenômeno da globalização da sociedade para que se supere o que se denomina globalização perversa.

A intenção de uma análise, por meio do observatório, que abranja os elementos da cultura urbana da população, é desvendar o cenário mais amplo da produção cultural local, bem como a relação dessa produção com a cultura industrial e globalizada. De que maneira os moradores da Zona Leste se posicionam diante das diversas formas de produção artística e cultural? Qual o acesso? Qual a expectativa dos moradores em relação ao impacto cultural do *campus* USP na Zona Leste? Qual o significado de democracia cultural no contexto da região? A população local é portadora de uma cultura que sintetiza sua experiência vivida no local e sua formação acadêmica e profissional, o que lhe permitiu conhecer e analisar espaços urbanos numa perspectiva de totalidade, favorecendo ações que estimulem a organização da sociedade civil e a formação acadêmica de qualidade.

Nesse sentido, o Observatório Social analisa as características emergentes do trabalho urbano na Zona Leste. Para além da dicotomia entre formalidade e informalidade no trabalho, trata-se de investigar as diversas formas pelas quais se organiza a cadeia produtiva, e como o trabalho se apresenta em um contexto marcado pela recessão econômica e pela desterritorialização industrial. Busca-se, ainda, uma investigação sobre a relevância empírica de novos conceitos de abordagem do trabalho e da economia; por exemplo a economia solidária, sua aplicabilidade em projetos sociais e os conflitos possíveis das sinergias com estruturas produtivas capitalistas tradicionais, como o trabalho escravo mantido em função da chegada dos imigrantes que estão clandestinos no país e que precisam de trabalho.

Em função das atividades desenvolvidas e das linhas de atuação, consideramos os diversos aspectos pertinentes à questão social e da cultura urbana da Zona Leste do Observatório Social, que organizará uma base territorial em alguns bairros da Zona Leste, em Itaim Paulista, Ermelino Matarazzo, Cidade Tiradentes e Itaquera. Por isso, estabelecemos parcerias com as subprefeituras desses bairros, pois cada uma delas atua com uma população com características culturais e identidades específicas, o que retrata a singularidade dos bairros e reforça a ideia inicial deste artigo, ao destacarmos a importância de se tornar eficaz a relação entre a teoria e a prática e entre o saber dizer e o saber fazer.

Todas as cidades educam na medida em que a relação do habitando com o lugar é de interação ativa. As relações permitem entender a cidade como uma referência básica para a vida cotidiana da maior parte das pessoas. Ela é mais do que uma simples localização concentrada das pessoas; ela é um lugar onde se produz um modo de vida, o estilo de vida contemporâneo. A cidade educa, forma valores, impõe comportamentos, informa sua espacialidade com seus sinais, sua escrita, torna-se, portanto, um conteúdo significativo a ser compreendido e aprendido por seus habitantes.

De acordo com Bernet (1993, p. 195) há três dimensões da relação entre educação e cidade. A primeira dimensão consiste em considerar a cidade como conteúdo de educação, com suas instituições, recursos, relações, experiências.

Essa dimensão identifica-se com a frase: “aprender na cidade”. A segunda dimensão é a que considera o meio urbano um agente educador, um emissor de informação e de cultura; trata-se do “aprender da cidade”. A terceira dimensão é a que considera a cidade como conteúdo educativo, e a expressão que a define é “aprender a cidade”, subsidiando a proposta extensão universitária que envolve os alunos, possibilitando a reflexão junto a comunidade escolar, ao mesmo tempo em que podemos ampliar os referenciais teóricos com base em pesquisas já desenvolvidas ou que podemos iniciar, como a relação entre cidade, cultura e ensino. Essa reflexão suscita, por exemplo, algumas questões: Em que medida os cidadãos têm nas cidades o direito de viver nelas, de circular por elas e seus lugares, de consumir seus e nesses lugares?

Essas atividades e investigações, entre outras, contribuem para que os alunos de Graduação compreendam as dinâmicas sociais e o papel formador da cidade, e que essa atividade de extensão universitária pode criar outras discussões sobre a aprendizagem e o caráter da formação de professores.

Os resultados das atividades de extensão podem ser canalizados pelos grupos de trabalhos na disciplina Resolução de Problemas, ou no grupo de pesquisa ou de estudo no Observatório, socializando experiências e intervenções.

É importante ressaltar que os alunos que se envolveram nesses projetos de formação de professores desempenharam um papel fundamental para a sua formação individual, ao mesmo tempo em que o trabalho em grupo proporcionou uma concepção mais integrada e interdisciplinar do ponto de vista da construção do conhecimento. Nessa atividade os alunos da universidade atuam na formação conceitual: nas oficinas discutem e aplicam suas pesquisas, mostrando a importância das inovações metodológicas para melhorar a qualidade das aulas, estimulando os jovens a estudar e a ter curiosidade pelos temas do cotidiano.

Um outro aspecto importante que nos estimula a continuar esse trabalho é o efeito que causa nas escolas e, principalmente, nos professores. Eles recuperam a autoestima, pois se sentem valorizados e se tornam produtores de conhecimento ao elaborar seus trabalhos de finalização de curso, tendo como

referência as reflexões de suas ações em sala de aula. Isso significa criar condições para que os professores intervenham junto aos seus alunos, fazendo com que eles amadureçam e compreendam o seu papel na sociedade. Podemos apostar que, em um futuro breve, alunos e professores se tornarão verdadeiros agentes transformadores da sociedade, que saberão pensar a complexidade da realidade e, também, que proponham ações intervindo na comunidade local.

Nos anos 2004 e 2005 (quando a USP na Zona Leste foi inaugurada) recebemos vários convites de subprefeituras, instituições públicas, empresas e ONGs para desenvolvermos ações em parcerias, para auxiliar nos estudos e pesquisas. Em 2006 essas demandas continuaram, mas sem muito envolvimento da Universidade, com solicitações que buscavam amparo teórico que os ajudem na elaboração de planos de ações para gerar políticas públicas, voltadas para a geração de renda, ocupação e uso do solo, atividades educativas e culturais para os jovens e crianças. Apesar, no entanto, da implantação do *campus*, a nova gestão da USP, que teve início no final de 2005, tem outras prioridades atualmente, portanto um projeto político pedagógico que visava a incluir a população, aprofundar uma análise sobre a sociedade e resgatar o papel social da Universidade, parece que ficou estagnado.

Entre os objetivos do Observatório Social está o de investigar as reais possibilidades que a cidade possui para acrescentar conteúdos na formação de cidadãos e valores que estimulem uma vida participativa em seu espaço de vivência.

Em síntese

É necessário, nesse contexto em que estamos envolvidos, voltarmos às coisas simples, à capacidade de formular questões simples, nos moldes, quem sabe, rousseauianos de perguntar, mas pensar nas respostas, nos desafios que a sociedade nos apresenta todos os dias. É hora de refletirmos sobre qual a contribuição da Universidade para a sociedade, além da ciência e de formarmos profissionais com qualidade teórica e ética.

A Universidade faz parte de uma sociedade democrática, mas com uma acentuada desigualdade social e um sistema educativo que não é inclusivo já desde a educação infantil. Entendemos, portanto, que as atividades acadêmicas que envolvem a extensão universitária são as que possibilitam algo que se aproxima da democratização cultural e social.

Nesse sentido, a USP pode ajudar, firmando-se cada vez mais como uma universidade que gera ensino, pesquisa e extensão de qualidade, inviabilizando a educação de senso comum, de retórica, de generalizações, que distancia a teoria da prática, pois essas características recorrentes da educação básica e superior não ensinam, persuadem, e não emancipam, excluem.

Referências

BERNET, Jaume Trilla. *Otras educaciones*: animación sociocultural, formación de adultos y ciudad educativa. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Pedagógica Nacional, 1993.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *Metrópoles*: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Rio de Janeiro: Fase/IPPUR-UFRJ, 2004. p. 17-40.

Recebido em: 12/5/2008

Aceito em: 9/11/2008